

# CEP - Centro de Estudos Psicanalíticos

Luis Fernando de Souza Santos  
Trabalho semestral - ciclo 1 (terças 19h30)

## **A queda da ânsia por controle** Uma reflexão sobre um início de estudos de psicanálise

Apesar da riqueza individual de todos os conceitos trazidos para a reflexão em aula e na bibliografia deste primeiro ciclo, escolhi para a reflexão deste primeiro trabalho um tema que me pareceu transversal a todos, talvez porque de suma importância no meu próprio processo de análise - e, acredito, de qualquer outro neurótico - a questão da ânsia ou até necessidade absoluta por controle.

### **O controle nas obras estudadas até agora**

Em sua monumental biografia de Freud, “Uma Vida Para o Nosso Tempo”, Peter Gay cita por duas vezes que Freud tinha em alta conta um comentário quase melancólico que fez nas “Conferências Introdutórias”: a psicanálise “confrontara os arrogantes seres humanos com a terceira injúria narcisística: Copérnico havia deslocado a humanidade do centro do mundo; Darwin obrigara-a a reconhecer seu parentesco com os animais, e ele, Freud, mostrara que a razão não é senhora em seu próprio lar” (Peter Gay, pág 582).

Em suma, a cristalização da descoberta do inconsciente e a visão psicanalítica de que este opera uma imensurável influência em nossos atos fez com que o ser humano precisasse abandonar a ideia de que controla o que faz - e até o que pensa! Tal ideia abarcaria desde os pensamentos e atos mais simples e pontuais (como estudado em “As Sutilezas de Um Ato Falho”, de 1935), passando recados que parecem ter importância

restrita, às vezes quase caricaturesca, até pensamentos complexos, perenes e duradores no tempo da vida das pessoas, como visto no texto “Lembranças Encobridoras”, de 1899.

Entretanto, a ideia da falta de controle por parte do ser humano sobre seus pensamentos e atos foi aparecendo aos poucos nas aulas, confundindo e deixando surpresos os menos versados em teoria e prática psicanalítica. Nas aulas sobre o recalque e as pulsões e seus destinos, porém, ficou muito claro, na discussão desses textos (e na ânsia da turma por entender a transferência), que tanto o aparelho motor quanto os pensamentos conscientes que temos são governados por coisas que vão muito além do nosso aparelho perceptivo e do que chamamos de consciência.

Foi chocante para alguns, em especial os com menos anos de análise, que, por exemplo, todas as relações que temos se dão em termos de transferência e projeção. Amigos, parentes, amantes e inimigos - nenhum deles existe de verdade, sendo apenas objetos que provocam a nossa própria subjetividade, fazendo com que ajamos de maneiras específicas. Longe de ser desesperador lidar com suas próprias ideias e projeções o tempo todo, esse mecanismo é uma das pedras fundamentais sobre que se assenta a psicanálise: sem ele, não conseguiríamos mudar o mundo de uma pessoa apenas a partir do trabalho com sua subjetividade e imagens psíquicas, de dentro de um consultório, sem precisar avaliar se aqueles são, de verdade e por critérios objetivos (seja lá o que isso queira dizer), verdadeiramente seus amigos, parentes, amantes e inimigos, com as nuances com que o paciente os vê.

Lembro aqui que, desde suas primeiras teorias, Freud discordava do que me permito chamar de filosofia do eu, dominante até então nesta última disciplina. Os filósofos estavam concentrados em pensar e, a partir desse pensamento tecer a maneira como o mundo funciona. Tudo emanava do pensamento objetivo (outra coisa que não sei dizer o que significa), a partir do qual o mundo e o lugar do ser humano era posto. Freud foi a derrocada do que restava do pensamento medieval de René Descartes (de seu “Cogito, ergo sum”) para o que Lacan colocaria à sua maneira refinada mais tarde (cito de cabeça a frase falada em aula): Penso onde não sou, sou onde não penso.

conferencia

Atrevo-me, para um último comentário, a deixar o conteúdo das aulas e citar uma observação minha da excelente exposição feita por Mário Eduardo de Costa Pereira no Curso Breve “Incidências clínicas das concepções de Freud e Lacan sobre a transferência” em 16 de maio deste ano.

Em dado momento o palestrante estava expondo a maneira de filosofar grega, da qual o questionamento último era a grande ferramenta. Disse ele (cito tudo de cabeça) que esses filósofos questionavam se os atos dos seres humanos não poderiam ser obra de um deus que os influenciasse sem que eles soubessem. A resposta era que os atos só poderiam ser influenciados por um influenciador do pensamento. Então se questionavam esses filósofos se os pensamentos dos homens não poderiam ser produto da vontade de um deus, que colocaria esses pensamentos em suas cabeças sem que eles soubessem. Nesse momento a plateia riu, debochando, na minha impressão particular, dessa maneira de pensar. Fato é que, imediatamente após esse riso, o palestrante expôs que a explicação da antiguidade para essa questão é que deus era bom e só poderia colocar pensamentos bons em nossas cabeças. Mas que, excluindo-se essa última explicação e guardadas as proporções, questionar se nossos pensamentos conscientes não seriam produto de uma outra instância que não nosso consciente, era exatamente a maneira freudiana de pensar a psique. Ou seja, pareceu-me que aquele plateia (formada não só apenas de novos estudantes de psicanálise) não conseguiu abstrair a maneira de colocar os pensamentos de tais filósofos antigos e fez chacota, destilando-se o conteúdo do riso, do fato de não termos controle do que fazemos e pensamos.

\*\*\*

### **Um paralelo com o trabalho analítico com o neurótico contemporâneo**

Pensando por um breve momento no trabalho atual nos consultórios de análise e no meu próprio processo de análise, penso que a questão da falta do controle, de abrir mão do controle, deve ser um tema recorrente no tratamento de pacientes neuróticos (e não apenas neuróticos obsessivos).

Para além da discussão clichê do controle e da vontade na sociedade capitalista e altamente consumista atual, penso que deve ser chocante aos pacientes perceberem que seus atos (que engendram seus sofrimentos) são formados por pensamentos não

conscientes (ou por ideias catexizadas por pulsões reprimidas do inconsciente), ou seja, por coisas que pensam e nem sabem, levando à conclusão de que não tem controle sobre seu próprio corpo e alma.

Tal conceito é algo a que a sociedade atual não está acostumada, altamente culpada e meritocrática que é. Somos responsáveis pelos nossos atos e, quando sofremos, muitas vezes ficamos procurando a razão nos atos e pensamentos conscientes que fizemos e tivemos. Por vezes chegamos erroneamente à análise para pedir não apenas por conselhos, mas por maneiras de controlar o mundo ao nosso redor e as nossas próprias reações e pensamentos em relação a esse externo, de modo a sofrermos menos.

Penso que uma das coisas mais importantes que o processo de análise pode nos ensinar é que devemos abrir mão do controle que achamos ter de nossas vidas. Não apenas para que a análise se dê, mas como aprendizado de que as forças que agem sobre nós não são objetivas e não podem ser controladas. Portanto ao entendermos que não controlamos, adquirimos algum controle - o controle dos mortais, tênue, mas gratificante (especialmente para um neurótico, que se torna agora um feliz “vivedor”, consciente de seu controle ultra-limitado).

\*\*\*

### **Indo além: a falta de controle do analista sobre o processo de análise**

Correndo o risco de me exceder nessa reflexão, gostaria de citar um último pensamento sobre o controle que os analistas têm do processo de análise. Muitos casos podem parecer claros, com manejo mais do que sabido pelos analistas e índice de sucesso razoável.

Entretanto, muitos devem ter experimentado pacientes desafiadores, que não se encaixam no processo e que não reagem às diversas ferramentas postas à disposição pela extensa bibliografia sobre psicanálise. Imagino deva ser este um dos maiores e mais comuns desafios encontrados pelos analistas em seus consultórios, até os mais experientes (e inteligentes, visto que os obtusos devem classificar tudo apenas como resistência).

Não tenho, de longe, conhecimento e experiência para me alongar nesse assunto; gostaria apenas de terminar com questões: e se a análise se der por vontades que ainda desconhecemos? Se sua toada, evolução e riqueza for ditada por elementos que vão além do que está contido em nossa bibliografia e experiências atuais?

Respondendo com uma pergunta: vamos escolher classificar esses casos dentro dos conceitos que temos hoje à mão ou seremos abertos a pensar que não temos o controle do processo, abertos ao desconhecido e a novas investigações?